

HISTÓRIAS E MEMÓRIAS EM QUADRINHOS

COMIC STRIP STORIES AND MEMORIES | HISTORIAS Y MEMORIAS EN LAS HISTORIETAS

ELANE RIBEIRO PEIXOTO, ADRIANA MARA VAZ DE OLIVEIRA

RESUMO

O presente artigo originou-se de uma pesquisa orientada pela abordagem da história da cidade via seu cotidiano, reconhecido nos bairros. Cremos que é nessa escala da cidade, a do lócus da vida e das práticas sociais, que seus moradores estabelecem os mais fortes laços de pertencimento ao espaço urbano, predispondo-os para sua salvaguarda. Os tombamentos, frutos em geral de decisões que não encontram uma verdadeira ressonância nos habitantes da cidade, a nosso ver, estão fadados ao malogro, pois só se cuida daquilo a que se atribui significados. Cientes da multiplicidade dos habitantes da cidade vinculados a memórias diversas, optamos por construir nosso trabalho com base em depoimentos. Entre os produtos da pesquisa, apresentamos os quadrinhos “O aeroporto que virou bairro”; uma versão da história do bairro de Goiânia, o Setor Aeroporto, escolhido para nossa pesquisa. Os quadrinhos direcionam-se às crianças, decisão tomada diante de nossa convicção de que a preservação do patrimônio necessita do respaldo afetivo da população ao qual se vincula, e por isso a atenção à população jovem é importante. Buscamos, dessa maneira, traduzir para a linguagem dos quadrinhos a dinâmica que também é própria à memória: a irrupção de imagens, sua dimensão presente, entre outros aspectos.

PALAVRAS-CHAVE: Educação patrimonial. Goiânia. História em quadrinhos. Memória.

ABSTRACT

This article originated from a research-based history of the city through its daily life, as seen in the city neighborhoods. We believe that it is within the city neighborhoods, the locus of life and social practices, that residents establish their strongest ties of belonging to the urban space, predisposing them for safekeeping them. The conservation of building heritage, a result of decisions which are not always in agreement with the ideals of the city inhabitants, in our view, is doomed to failure as people only protect that to which they attribute meaning. Aware of the multiplicity of city inhabitants who relate to different memories, we chose to base our study on personal statements. Among the developments of our research, we present the comic strip called “The airport that became a neighborhood”, a version of the story of the Airport Sector neighborhood, chosen for our research. The comic strip is directed toward children and our decision for choosing it is to our conviction that preservation of our heritage requires the affective support of the

population and the attention of the young population is important. Thus, the objective is to translate the dynamics of memory into the language of the comic strips: the irruption of images and their present dimension, among other aspects.

KEYWORDS: Heritage education. Goiânia. Comic strips. Memory.

RESUMEN

El presente artículo se originó de una investigación orientada por el abordaje de la historia de la ciudad vía su propio cotidiano, reconocido en los barrios. Creemos que en esta escala de la ciudad, la del locus de la vida y de las prácticas sociales, que la población establece los más fuertes lazos de pertenencia al espacio urbano, predisponiéndolos para su salvaguardia. La acción de registrar el edificio, consecuencia, en general, de decisiones que no encuentran una verdadera resonancia en los habitantes de la ciudad, desde nuestro punto de vista está a punto de malograrse, pues sólo se cuida de aquello al cual se le atribuye significados. Conscientes de la multiplicidad de los habitantes de la ciudad vinculados a memorias diversas, optamos por construir nuestro trabajo a partir de testimonios. Entre los productos de la investigación, presentamos las historietas “O aeroporto que virou bairro”, una versión de la historia del barrio Setor Aeroporto, electo para nuestra investigación. Las historietas se dirigen a niños, decisión tomada frente a nuestra convicción de que la preservación del patrimonio necesita del respaldo afectivo de la población a la cual se vincula y, por eso, la atención a la población joven es importante. Buscamos, de esta manera, traducir para el lenguaje de las historietas la dinámica que también es propia de la memoria: la irrupción de imágenes, su dimensión presente, entre otros aspectos.

PALABRAS ILAVE: Educación patrimonial. Goiânia. Historietas. Memoria.

PARADOXOS À BRASILEIRA

Não se enganem acerca deste título, pois não estamos propondo uma nova receita culinária, como vagamente ele poderia nos remeter, mas buscamos explicações possíveis para questões paradoxais quando o assunto em questão é o patrimônio cultural. Uma gama variável de autores, muitos deles de reputação internacional, discutiu o fenômeno da hiperinflação do termo, historicizando-o (Choay, 2001), problematizando-o vis-à-vis ante as memórias sociais (Halbwachs, 1990; Jeudy, 1990), expondo os excessos de preservação como narcisismo da sociedade contemporânea, assolada pelas desenfreadas mudanças tecnológicas.

Depois de Debord (1997) ter cunhado a expressão “sociedade do espetáculo”, referindo-se ao mundo no qual os homens deixam de ser atores para postarem-se na passividade do espectador, encantados pela estetização de atitudes e de objetos. Parece impossível, diante da abundância dos bens patrimoniais, não concordar que também o passado esteja nesse circuito.

Desde a década de 1980, assistimos aturdidos à proliferação em escala mundial de museus excepcionais, muitos deles sem acervo permanente, ou à curiosas variações como são os ecomuseus (década de 1970), que visam conjugar, como o neologismo o indica, ecologia e museu. Oriundas de uma corrente paralela à Nova História, denominada Nova Museologia, essas instituições objetivam preservar, na escala do território, comunidades inteiras, seus saberes tradicionais, suas práticas e cultura material. Se a intenção, a princípio, parece bem-intencionada, pretendendo valorizar aspectos e saberes da vida cotidiana, ela não é mais que uma ação apaziguadora de nossa sociedade, constantemente se construindo sobre os escombros de um passado tão recente, pois é esse o ritmo imposto pelas rupturas tecnológicas. A banalização desses museus é, a nosso ver, mais um argumento forte a corroborar a tese de Jeudy (1990), de que a febre patrimonial é uma conjuração das mortes de formas de vida decorrentes das mudanças tecnológicas.

Essa natureza de argumentação, apoiada na estetização de todas as esferas da vida, nas formas de luto que servem ao patrimônio cultural, entre outros convincentes argumentos, responde em parte à condição brasileira. Frisamos que elas explicitam parcialmente o “consenso” constituído em torno da questão do patrimônio cultural no Brasil. Exemplos podem ser facilmente evocados, tais como o curioso Museu da República na Capital Federal, que não possui acervo, ou ainda o anunciado Museu do Amanhã, a ser construído no Rio de Janeiro, no Pier Mauá, cujo propósito é alucinante:

Um museu destinado às ciências que, em vez de se limitar aos vestígios do passado ou às evidências do presente, propõe por meio do percurso de visitação uma aventura rumo ao desconhecido. Essa   a proposta do Museu do Amanhã, projeto concebido pelo premiado arquiteto espanhol Santiago Calatrava e uma das principais alavancas do programa Porto Maravilha, de revitaliza o da zona portuária do Rio de Janeiro (Corbioli, 2011, p.84).

A iniciativa de construir esse museu associa todos os ingredientes necessários para alinhar o Rio de Janeiro às cidades que almejam enfatizar suas imagens globais. Os *menus* dessas cidades, em geral, são muito semelhantes e se constituem, entre outras op oes, na constru o de edifícios espetaculares, muitos deles dedicados a museus, e concebidos por arquitetos mundialmente conhecidos.

Para esclarecer a lógica da indústria do turismo, não   excessivo lembrar as pequenas cidades esquecidas durante três séculos no interior brasileiro que, na virada do século XXI, transformaram-se em atra oes turísticas. Muitos casar os foram convertidos em pousadas ou transformaram-se numa miríade de lojinhas que vendem artesanato do sul de Minas Gerais, incluindo os delicados Espíritos Santos de tamanhos variados ou as indefectíveis galinhas-d’angola. *Souvenires* desterritorializados.

Assistimos impotentes ao nosso patrimônio cultural ser objetivado e inserido nessa bem consolidada indústria e não nos faltam os ecomuseus. Se, por um lado, testemunhamos uma aparente preocupação com a salvaguarda do nosso patrimônio cultural, evidenciada pelas iniciativas de tombamento nos âmbitos municipal, estadual ou federal, convivemos com a sempre crônica falta de recursos destinados às instituições que devem por ele zelar. Como essa situação não fosse grave o suficiente, “assistimos de camarote”, por falta de um sistema educacional competente, à ausência de vínculos entre o que se propõe proteger e a população responsável por sua proteção. Não nos referimos especificamente à educação patrimonial, mas à educação em geral. Quantas de nossas crianças e adultos ignoram a história do bairro ou da cidade em que vivem?

Nesse sentido, um exemplo esclarecedor é dado pelo tombamento do acervo déco de Goiânia, curiosamente merecedor de atenção depois do sucesso turístico de Miami. No dia 18 de novembro de 2003, pela Portaria nº 507, publicada no *Diário Oficial da União*, esse acervo arquitetônico e urbanístico foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Foram incluídos 22 edifícios, monumentos públicos e os traçados urbanos originais do centro da cidade e do núcleo pioneiro que a antecedeu, Campinas. A partir de então, esses artefatos e “reliquias” goianienses, até então ausentes no imaginário da população, passaram a integrar seu campo de representação, à força dos discursos redundantes que circularam em jornais, revistas, TV e outras mídias. Dessa forma, foram atribuídos significados ao passado da cidade, com ênfase em uma materialidade que pouco participava de sua memória urbana.

Ainda que o discurso sobre a cidade déco tenha alcançado um relativo sucesso publicitário e midiático, disponível para diversos propósitos, o modesto acervo de Goiânia permanece sem qualquer ação significativa para sua salvaguarda. Isso demonstra que tombamentos que resultam, em geral, de decisões que não encontram ressonância nos habitantes da cidade, a nosso ver, estão fadados ao malogro, pois se cuida daquilo a que se atribui valor e significado e com o qual se estabelece laços afetivos, possíveis por meio do conhecimento do passado.

Para terminar esta introdução com título de receita culinária sem o ser, mas cujo gosto é amargo, nossa condição nos parece surrealista: de um lado, os museus sem acervos, os bairros históricos de nossas primeiras cidades transformados em *shoppings* e isolados por um cordão de proteção, as favelas do Rio de Janeiro incluídas em roteiros turísticos sem que nós mesmos estabeleçamos com elas relações de pertença; e, de outro, edifícios, bairros inteiros abandonados à usura do tempo, sem que sequer suas histórias sejam conhecidas. Como explicar o inexplicável, o incoerente, o absurdo dessa situação? Entendemos que, para superar essas contradições, o primeiro passo é a educação.

PERTENCER PARA EDUCAR, EDUCAR PARA PERTENCER

A palavra pertencimento é sinônima de pertença, que deriva do verbo pertencer. Pertencer significa, segundo o *Dicionário Houaiss* (Houaiss, 2012), propriedade de, fazer parte de, ser do domínio de, ser referente a, ter relação com, ser próprio de, e ser da obrigação ou de responsabilidade de. Todos os sentidos da palavra levam à compreensão da inseparabilidade entre objeto e sujeito, e, no caso da sociedade brasileira, entre patrimônio e sociedade. A sociedade só estabelece laços de pertença com aquilo que conhece. Esse conhecimento é adquirido ao longo do tempo por meio da urdidura de laços afetivos que geram permanências, mesmo que as mudanças se processem. No entanto, se essa trama não foi tecida no percurso do tempo, há ainda outros meios de favorecê-la, apostando-se na educação.

Desde a formatação inicial do IPHAN, Mário de Andrade afirmava que “Preservar o patrimônio histórico é educação” (Custódio, 2008, p.23). Contudo, pouco se fez para o fortalecimento da relação educação-preservação, devendo-se destacar as iniciativas de Aloísio Magalhães à frente da instituição, na década de 1970. O tema educação era, durante sua gestão, recorrentemente colocado em pauta. Depois da passagem de Magalhães pelo Iphan, ele somente voltou à baila nos anos de 1980 e tornou-se fundamental para as ações dessa instituição. Em 1983, impulsionado por discussões internacionais, realizou-se o 1º Seminário sobre o Uso Educacional de Museus e Monumentos. Pela primeira vez, elaborou-se uma metodologia de trabalho educacional nos museus e monumentos, batizada de educação patrimonial (Horta, 2008). A partir dela, estruturaram-se ações educativas de maneira mais sistemática dentro e fora do Iphan, envolvendo a preservação patrimonial.

A educação patrimonial colocou-se, então, como um instrumento que “Possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido” (Horta, 2008, p.6). Essa construção do conhecimento se faria centrada nos artefatos, ou seja, na cultura material. Desse modo, a criança e o adulto seriam capazes de apreciar o que os rodeia, assim como aquilo que os precede.

A concepção de educação patrimonial dada pelo IPHAN em 2012 é a seguinte:

[...] educação patrimonial como todos os processos educativos que primem pela construção coletiva do conhecimento, pela dialogicidade entre os agentes sociais e pela participação efetiva das comunidades detentoras das referências culturais onde convivem noções de patrimônio cultural diversas (Instituto Patrimonial Histórico e Artístico Nacional, 2012, *online*).

A ênfase dada ao diálogo lança o desafio para pensar a cidade, ou parte dela, como patrimônio a ser preservado, empreitada que, de antemão, demandaria a participação da sociedade, porque o pertencimento é condição fundamental para a preservação.

De outra forma, a sociedade deveria indicar, a partir do estímulo e do conhecimento, aquilo que a representa.

No caso do tombamento do conjunto de edifícios *art déco* de Goiânia, a sociedade não foi ouvida, aliás, ela sequer sabia de sua existência. A tese de doutorado de Clarinda Aparecida da Silva da Universidade Federal de Goiás (UFG), sobre a discussão das representações sociais de Goiânia e, entre elas, a arquitetura *art déco*, aponta que os moradores reconhecem a importância dessa arquitetura, mas, contraditoriamente, desconhecem-na. Ao ignorar o seu significado como patrimônio cultural da cidade, a população demonstra, por conseguinte, que arquitetura *art déco* não faz parte de suas referências identitárias (Silva, 2012).

O dossiê de tombamento (Manso, 2004) reconhece que não existem ligações afetivas e identitárias da população goianiense com seu lugar e, em especial, com o conjunto arquitetônico *art déco*. Diante disso, propõe um projeto de educação patrimonial como forma de sensibilizar a população para seu valor, corroborando a necessidade de criação dos vínculos da sociedade com ele.

Dessa maneira, em 2004, a Superintendência do Iphan de Goiás, em parceria com a Prefeitura de Goiânia e instituições de ensino, promoveu um curso de formação de professores da rede pública municipal, com o objetivo de introduzi-los no campo da educação patrimonial. Esse curso formou poucos professores e seus resultados não são conhecidos. Todavia, concluímos que iniciativas semelhantes são muito bem-vindas e devem ser prosseguidas, de modo que nosso trabalho busca somar esforços nessa direção. Decidimos por contribuir com a elaboração de material didático que reforçasse o trabalho dos professores em sala de aula, oferecendo-lhes recursos interessantes. As histórias em quadrinhos nos pareceram uma boa solução para traduzir nossas pesquisas sobre Goiânia, a seguir apresentada, visando o interesse das crianças. Nosso objetivo é reforçar os laços afetivos que elas mantêm com a cidade e o bairro onde vivem e, dessa forma, torná-los conscientes sobre o que são e como protegê-los. Disponibilizados em um site de acesso fácil e gratuito, os quadrinhos constituem um recurso a mais ao professor da terceira e quarta série do ensino fundamental, quando temas relacionados ao Estado de Goiás são apresentados e discutidos. No momento, nosso trabalho ainda carece de uma maior divulgação, o que pensamos fazer apresentando-o à Secretaria de Educação do Município, ao Iphan-Go, e a duas escolas, uma pública e outra privada, tendo em vista observar o interesse das crianças.

INDO DIRETO AO PONTO

Pensando sobre os paradoxos acerca das questões patrimoniais anteriormente apresentados, iniciamos o desenvolvimento de uma pesquisa sobre alguns bairros de Goiânia, a cidade de nossa infância e de maior parte da vida adulta. Nossa formação em arquitetura, muitas vezes, induz ao estudo do patrimônio material traduzido nos bens antes

ditos de “pedra e cal” (mesmo que de adobe ou taipa de pilão ou qualquer outra técnica) e nas formas urbanas — traçados, casarios, espaços públicos, entre outros. Com as incursões feitas pela História Cultural e Antropologia, ambicionamos construir, para nossa cidade, uma história diferente das que até então foram feitas — muitas merecedoras de louvor. As histórias de Goiânia foram escritas explicitando sua criação sob uma ótica de forças políticas no seio do Estado Novo ou ainda na gênese de sua forma urbana, ressaltando seus antecedentes, o urbanismo francês e as cidades-jardins inglesas e americanas. Realizaram-se poucas incursões a partir de um recorte menor, sendo os bairros o ponto específico de uma narrativa, contada com base em seu cotidiano. Essa ausência foi o que nos motivou a construir a história de quatro bairros de Goiânia, recorte justificado pela importância deles, por amostragem do crescimento da cidade e pela diferença das comunidades que os habitam.

Pretendíamos, sobretudo, construir uma narrativa que tivesse por fonte a memória de antigos moradores, práticas sociais cotidianas, os “tipos” que transitam por suas ruas, animando-as diferentemente em diversas horas do dia. Mas não nos furtamos às pesquisas no Arquivo Histórico, revendo jornais antigos e velhas fotografias ou mesmo vasculhando o acervo do Museu Antropológico, ainda em processo de catalogação.

Nossas referências teóricas incluíram leituras de Certeau (1994), Mayol (1996), Velho (2002), consideradas clássicas para um estudo semelhante ao que nos propusemos fazer. Esses autores foram sábios conselheiros, esclarecendo caminhos intuídos, mas ainda vagamente delineados. Com Certeau e Mayol apreendemos a intrincada rede de relações estabelecidas na vida cotidiana, os laços sociais que vinculam o morador de um bairro e o merceeiro às redes de informação fundadas nos muitos anos de convivência e que se explicitam por meio de sucessivas gerações. Gilberto Velho nos deu um exemplo primoroso com seu estudo sobre Copacabana, indicando como proceder metodologicamente para viabilizar a pesquisa, circunscrevendo o objeto a estudar.

Nossas leituras sobre memórias sociais foram úteis para a realização de entrevistas e compreensão dos diversos discursos com os quais nos deparamos. Cauquelin (1982) nos indicou a insuficiência das descrições físicas do ambiente construído e enfatizou a importância das memórias afetivas — gestos, comportamentos, hábitos, práticas —, construtoras dos espaços e constituidoras da própria matéria urbana. Esta, formada pelo fio condutor da opinião como transmissor de memórias, tanto históricas quanto pessoais, compõe anamorficamente a cidade. A anamorfose, para Cauquelin (1982), é o processo de substituição de uma figura inicial, da qual derivam múltiplas formas no curso do tempo, responsável pela maneira de sua apreensão.

As memórias, portanto, compõem parte do tecido de nossas relações com o espaço, que nos dizeres de Bresciani (1992, p.164) se expressam por meio de “[...] dobras, que abrangem tudo o que vem do passado, inclusive os esquecimentos ou os silêncios [...]”. Cauquelin (1982, p.27) reitera:

[...] nós vivemos nos espaços da maneira da qual nos ocupamos da nossa história de vida, fragmentariamente, com esquecimentos e lacunas, sob a pressão de um estoque de opiniões as quais ignoramos a origem e não recuperamos mais que o resultado, que é uma tênue película que serve de tela e de suporte à vida social.

Na cidade, onde há uma multiplicidade de moradores, geram-se memórias diversas, daí a importância de recuperar seus depoimentos, quando a preservação está em jogo. Essas abordagens foram nossos apoios para narrar a história de dois bairros de nossa pesquisa — o Setor Aeroporto e o Jardim Goiás —, cujos resultados foram publicados.

O AEROPORTO QUE VIROU BAIRRO

A aviação em Goiás iniciou-se em 1937, com a criação do primeiro aeroclube pelos construtores de Goiânia, Jerônimo e Abelardo Coimbra Bueno. O aeroclube situava-se no local previsto para o futuro aeroporto da cidade, demarcado no plano inicial de Atílio Corrêa Lima, ele próprio um apaixonado pela aviação. Foi, porém, com a instalação dos serviços prestados pelo Correio Aéreo Militar (CAM) que as ligações do Estado com outros se efetivaram. A primeira linha de voos comerciais a fazer pousos em Goiânia decorreu do prolongamento da rota São Paulo-Uberaba, realizada pela Vasp, que recebeu subvenção do governo federal.

Do aeroclube para o aeroporto algumas alterações foram realizadas. As pistas de pouso permaneceram as mesmas, mas foram construídas a estação meteorológica e a casa para hospedar os pilotos. A cidade cresceu e transpunha os limites estabelecidos pelos planos de Atílio Corrêa Lima e Armando Augusto de Godói. O local onde se encontrava o aeroporto era próximo ao centro e, em 1950, o governo do Estado decidiu pelo seu loteamento (Gonçalves, 2002). A área, ocupada antes por codornas e inhambus, em 1955 passou a ter suas primeiras casas, construídas no entorno da pista de pouso. A Vila Cristo Redentor, obra do Estado, foi uma iniciativa pioneira nessa ocupação. As fotografias da década de 1950 mostram as pistas do aeroporto, a Vila Cristo Redentor e outras ocupações significantes em termos de número e que extrapolavam o plano de Goiânia. Aparecem edificações às margens dos córregos do local que sugerem uma ocupação não regulamentada pelos poderes oficiais.

Nos arquivos do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás, encontra-se o acervo do topógrafo alemão Ewald Jansen, que se transferiu para Goiânia e realizou inúmeros trabalhos como urbanista. Muito pouco se conhece sobre as contribuições de Jansen. Os documentos cedidos pela família do projetista ao museu foram raras vezes consultados e constituem um material a ser explorado. O acervo contém documentos importantes sobre a concepção urbanística do Setor Aeroporto. Jansen projetou o bairro incorporando as ocupações preexistentes, possivelmente tentando evitar embates políticos. O desenho proposto recorda o Setor Sul, o bairro com inspiração nas cidades-jardins

resultante das intervenções de Armando de Godói sobre o plano de Corrêa Lima para Goiânia. Embora não tenha sido estruturado em *cul-de-sacs* e tampouco em unidades de vizinhança, há uma preocupação em ordenar as residências no perímetro de pequenas praças em vias de fluxo menos acelerado. Jansen propôs para o bairro um desenho intermediário entre a linguagem clássica do plano de Atílio Corrêa Lima para a capital de Goiás e a versão final de Godói.

Aparentemente, o local onde se situava o cruzamento das pistas do aeroporto transformou-se na maior e mais importante praça do bairro — A Praça do Avião —, cujo nome dispensa demoradas explicações. Aos poucos, o Setor Aeroporto foi ocupado. Porém, antes de falar em como se transformou, abrimos espaços para as lembranças de seus primeiros moradores.

O Sr. G., que viveu sua vida de criança e de adulto no bairro, recorda as muitas minas d'água que existiam no local e como a criançada corria para ver os dejetos lançados, no córrego, pelo Hospital Santa Casa de Misericórdia, localizado perto das pistas de pouso. Eram de dar calafrios. Às vezes viam-se flutuar nas águas partes de dedos amputados. Os banhos nos pequenos cursos d'água eram frequentes e incluíam as delícias de uma cachoeira do Córrego Capim Puba. Outra travessura infantil “arriscada” consistia em atravessar as pistas de pouso, cercadas por arames farpados, para ir em direção ao centro da cidade.

As lavadeiras ocupavam as margens dos córregos, onde essas mesmas crianças encontravam achados sinistros e onças vinham em busca de água. A margem do córrego oposta ao aeroporto era ocupada por chácaras, que forneciam hortaliças e outros gêneros aos moradores locais. Quem hoje olha o estado do córrego Capim Puba, o principal veio d'água do bairro, completamente poluído, parte transformado em esgoto a céu aberto, não imagina que foi lugar de jogos infantis e da labuta de mulheres alvejando roupas pelo sustento da casa.

Um acidente ocorrido em 1952 acelerou a mudança do aeroporto de local. Um avião Bonanza caiu no quintal de uma casa, passageiros e tripulantes morreram carbonizados, houve uma comoção geral. Os anos de 1960 foram os de consolidação do bairro, com várias casas construídas e a instalação da Paróquia Nossa Senhora de Fátima e do Colégio Agostiniano. Uma das pistas do aeroporto tornou-se a Avenida X, guardando na escolha da letra a lembrança de seu desenho. A Praça do Avião, a mais importante do bairro, foi um espaço empoeirado, onde se realizavam as feiras. Ao longo do tempo, adquiriu outra condição e configurou-se no foco do bairro, por reunir os principais comércios, a Igreja e o colégio e seus valores simbólicos. Na década de 1970, pavimentada, ganhou ares modernistas, com a construção de um espelho d'água, sobre o qual foi disposta a carcaça de um F-8 Gloster, aeronave utilizada na ligação entre Goiânia e outras localidades. Uma pista de aeromodelismo era o passatempo de gente grande e pequena.

O bairro manteve suas características residenciais até a década de 1980. A morfologia era constituída por casas individuais, com a rara presença de um edifício de três andares sem elevador. Eminentemente católico, as festas e procissões continuaram a ocorrer nas suas ruas. Porém, a partir dessa data, os usos dos bairros se alteraram, quando as ruas e a principal praça foram, pouco a pouco, tomadas por comerciantes autônomos de automóveis. Esse comércio, anteriormente realizado no centro da cidade, invadiu o bairro. Os vendedores de carro desenvolveram uma linguagem corporal que os associava ao lugar. O braço estendido e o gesto de esfregar o polegar no indicador diante de carros que se deslocavam lentamente, para que seus motoristas ouvissem as ofertas, produziram um código identificado pelos moradores locais e depois pelos da cidade inteira, com o Setor Aeroporto.

Aos vendedores autônomos, sucederam os “garageiros” — termo corruptela de garagistas, para designar os proprietários de lojas de veículos usados, as garagens —, originando uma batalha entre esses comerciantes e os moradores do bairro. O bairro se especializava nesse tipo de comércio. Logo, suas casas eram adaptadas para as conveniências dos “garageiros”. O comércio de veículos usados motivou cenas de violência, no outrora pacato bairro da cidade, e assassinatos passaram a estampar as páginas dos jornais.

Outra atividade tomou conta das vias principais do Setor Aeroporto, com a construção de hospitais e clínicas iniciada nos anos de 1960, tomando fôlego entre as décadas de 1980 e 1990. As avenidas principais congestionaram-se com clínicas médicas, farmácias e laboratórios. A proximidade com a rodoviária certamente favoreceu a localização dos serviços hospitalares e médicos, pois Goiânia, ao longo dos últimos 20 anos, adquiriu importância na região. Quando a preocupação é medicina, muitos são os que se deslocam para a capital em busca de tratamentos. Esse fato pode ser comprovado pelas muitas casas do bairro que se transformaram em local de apoio para os forasteiros, como, por exemplo, a casa para os acreanos. Uma miríade de outros comércios relacionados aos serviços de saúde abriu espaços nas casas pioneiras do bairro: óticas, lanchonetes, lojas de material ortopédico, entre outros. Totens, fachadas escondidas por placas de luminosos mudaram a paisagem do bairro.

Em 1987, os jornais do mundo inteiro se voltaram para o Setor Aeroporto e para Goiânia, anunciando o acidente nuclear que tomou conta de grande parte de suas ruas. A explosão da cápsula de Césio 137 a golpes de marreta, por um desavisado dono de ferro velho, provocou consequências ainda hoje não avaliadas. O lixo radioativo extraído do Setor Aeroporto encheu tambores e caixas metálicas e foi estocado fora da cidade. O acidente do Césio 137 não só ceifou vidas, mas estigmatizou os moradores do bairro.

Embora muito próximo ao centro, o Setor Aeroporto não sofreu o boom imobiliário de outros bairros centrais de Goiânia. Sua especialização — comércio de carros usados e serviços hospitalares —, foi o fator responsável por suas modificações em termos de paisagem. Sua estrutura fundiária permaneceu a mesma e seu casario, embora

reconvertido em pontos de comércio e serviço, ainda mantém a escala de origem. Porém sua dinâmica social alterou-se significativamente, pois passou de predominantemente residencial a ser comercial e sede de prestações de serviços médicos e hospitalares. Isso implica um fluxo grande de pessoas que transita por suas ruas, mas não são moradores. A Paróquia Nossa Senhora de Fátima, a feira livre, o colégio Agostiniano e a Praça do Avião são lastros que ancoram as sociabilidades locais e, de certa forma, garantem suas sobrevivências.

Apresentamos um resumo de nossa pesquisa sobre a história do bairro, com o intuito de dar entendimento a sua versão em quadrinhos.

VERSÃO EM QUADRINHOS: O AEROPORTO QUE VIROU BAIRRO

O estudante Luiz Felipe Champloni¹, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, foi o responsável por transformar nossa pesquisa nas aventuras de uma menininha e de seu bisavô que percorrem as ruas do bairro. Champloni não conhecia Goiânia, então, propusemos uma exploração da cidade em nossa companhia. Antes, porém, ele se inteirou de nossa pesquisa. Partimos num dia de sol e de céu muito azul a percorrer a pé o Setor Aeroporto, observamos suas ruas, as pessoas que por elas circulam, as casas, a praça principal e sua igreja. Refizemos com nosso tradutor nossas inúmeras trajetórias pelo bairro, chamando-lhe a atenção para o que identificamos como marcos de identidade que foram registrados em desenhos e em fotografias.

De volta à Brasília, o passo seguinte foi a elaboração do roteiro, que surgiu de nossas conversas, ele foi elaborado simultaneamente ao historyboard, base para o desenvolvimento do trabalho posterior. Aos nos apoiarmos em memórias e ao nos referimos a laços afetivos e a heranças transmitidas, concordamos que a melhor síntese para essas questões seria a criação de personagens de distintas gerações. Assim nasceram nossos protagonistas, uma menininha de 10 anos e seu bisavô que ultrapassou a casa dos 80. A idade dos dois é importante, porque a menina tem domínio de leitura e, portanto, é possível que crianças que cursam o terceiro e quarto anos se identifiquem com ela. O bisavô, por sua vez, tem a idade próxima à Goiânia e, portanto, é verossímil que uma pessoa de sua idade tenha testemunhado e participado da criação da cidade.

A história dos dois personagens desenvolve-se a partir de uma visita que Marina, nossa personagem menina, faz ao bisavô, por ela carinhosamente tratado por “Bisão”. A menina tem uma personalidade particular, odeia acordar cedo, é leitora voraz, gosta de doces e sorvetes e quer sempre tomar um táxi porque andar não é uma de suas atividades preferidas. O Bisavô é seu oposto, acorda com a aurora, é explorador incansável, um velhinho atlético. A frustração de expectativas na construção do perfil dos personagens foi proposital, uma menina atípica que não gosta de correr e nem andar, um bisavô sem bengala, ativo que propõe estranhas e misteriosas aventuras. A inversão dos papéis dota os personagens de graça e visa provocar o riso (Figura 1).

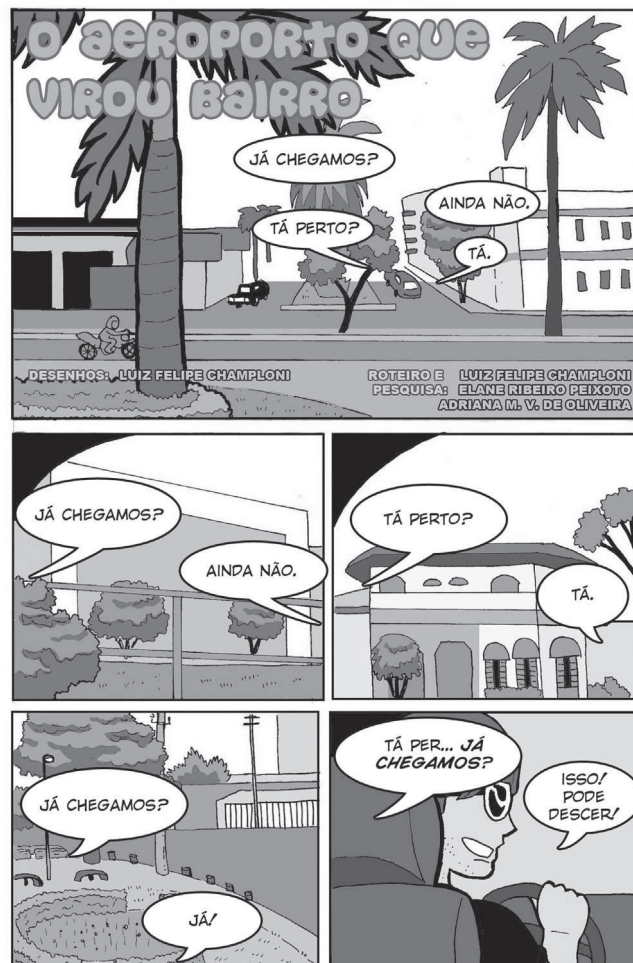


FIGURA 1 — O bairro e os personagens
FONTE: Elaborado pelos autores (2012).

Felizes por estarem juntos, o bisavô compreende que a menina está pronta para viver uma experiência inusitada e propõe que a realizem ao raiar do dia, hora em que as imagens do sonho ainda nos habitam.

Por meio de um relógio mágico do Bisão, cujo fundo é o mapa esquematizado de Goiânia, é possível fazer com que os personagens do passado viajem para o presente. Eles são os responsáveis por vivificar a história do bairro, são seus atores e foram criados com base nos tipos encontrados nos relatos de nossos entrevistados ou a partir de nosso próprio reconhecimento (Figura 2).

Os personagens do passado surgem como as imagens do sonho, semelhantes à dinâmica das lembranças, eles se condensam. A princípio, sofrem o impacto de se encontram em lugar não reconhecido, quando se inteiram de que viajaram no tempo e testemunham para a menina o passado do bairro, eles desaparecem. Primeiro, atravessando

as nuvens, apresenta-se um piloto desorientado que busca as pistas do aeroporto em que deveria pousar. Em seguida, Dona Sebastiana dá voz às lavadeiras que praticavam seu ofício às margens do córrego Capim Puba (Figura 3).



FIGURA 2 — O relógio mágico.

FONTE: Elaborado pelos autores (2012).



FIGURA 3 — A viagem no tempo.

FONTE: Elaborado pelos autores (2012).

Na deambulação dos nossos heróis, eles se deparam com o projetista do bairro, um topógrafo alemão com seu sotaque de duplos “erres”. O piloto da força aérea germânica que lutou na Segunda Guerra Mundial, migrou para Goiás juntamente com outros estrangeiros, estimulado por políticas governamentais. A menininha também descobre os tipos humanos que compõem a paisagem do bairro: os comerciantes de automóveis que ocupam ruas e praças, às vezes protegidos pela sombra de um guarda-chuva, sinalizam com o seu próprio corpo o que fazem ali. Seus apelidos são muito sugestivos: Dólar, Ceará, Alemão, Calango, Bafo de Bode, entre outras curiosidades (Figura 4).

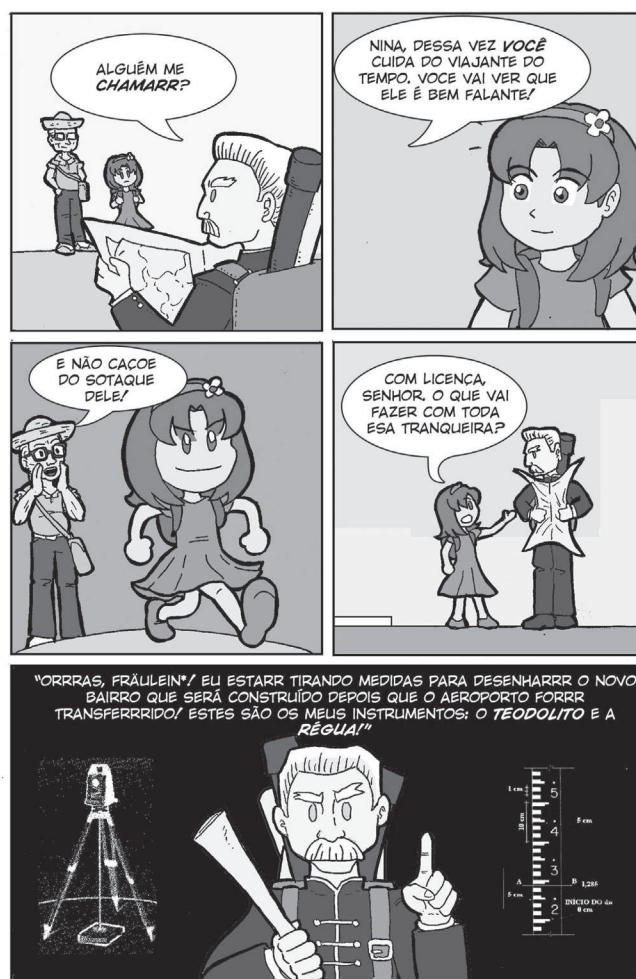


FIGURA 4 — O projetista do bairro.
 FONTE: Elaborado pelos autores (2012).

*SENHORITA, EM ALEMÃO.

13

Assim, Marina aprende que o bairro onde mora seu bisavô foi o primeiro aeroporto da cidade, que o córrego sujo e malcheiroso, que hoje o atravessa, foi, em outros tempos, um divertimento para as crianças, e que sua água limpa era usada pelas lavadeiras. Compreende como ele mudou, recebendo novas atividades que estimularam a presença de diferentes atores em seus espaços (Figura 5).



10

FIGURA 5 — O início do bairro.

FONTE: Elaborado pelos autores (2012).

Champloni foi um bom “tradutor” de nossas pesquisas e da compreensão que se tem do Bairro Aeroporto. De forma muito sintética, em alguns poucos quadrinhos, conta às crianças parte da história do bairro em que vivem.

A utilização da linguagem da história em quadrinhos é proposital, por favorecer o interesse da criança. Às informações históricas somam-se os sedutores desenhos, que conduzem as leituras morfológicas e afetivas do bairro, sedimentando as referências espaciais. As casas, as ruas e a principal praça do bairro são facilmente reconhecíveis, porque são desenhos elaborados tomando como referência a observação do lugar. Os personagens são inspirados em pessoas reais, cujos traços de personalidade foram mantidos ou salientados. Eles são também estilizados, exagerados nas expressões faciais. O recurso ao riso é também apoiado no jogo com as palavras, que são usadas em sentidos duplos. Por exemplo, o bisavô é chamado pela menina de “Bisão”. Ou ainda é apoiado nas vozes da lavadeira, do topógrafo alemão e na linguagem muito particular dos vendedores de carro. A presença das onomatopeias anuncia e dinamiza o inesperado das ações: o avião que cai,

o choro da menina, entre outros. Além disso, o desenho se presta a outros propósitos, entre os quais se podem destacar o ensino das cores, o estilo do desenho, o formato da letra, enfim, tudo aquilo que está entre a imagem e a palavra (Figura 6).



FIGURA 6— Os vendedores de carro.
FONTE: Elaborado pelos autores (2012).

A história em quadrinhos como recurso educativo não é novidade, mas estudos comprovam sua eficiência ao somar o lúdico, o espontâneo e o criativo ao processo de aprendizagem. A transposição da pesquisa para os quadrinhos foi um processo longo e demandou um processo cuidadoso de síntese. Aprendemos muito com este trabalho e esperamos que ele possa ensinar as nossas crianças a amar sua cidade, reconhecer suas pedras e notar as nuances de cal que suas velhas paredes guardam e por entre suas frestas suscitar a curiosidade pelo passado e o interesse pelo presente.

PONTO DE CHEGADA OU PONTO DE PARTIDA?

A opção pelo bairro é também a escolha pelo cotidiano, em oposição aos discursos apoiados nas narrativas factuais do passado. O cotidiano assenta-se no presente e na experiência. Desse modo, o passado como narrativa hegemônica e tradicional é relativizado pelo presente, heterogeneamente constituído por experiências e memórias diversas, o que possibilita a eleição e apropriação democrática daquilo que o patrimônio representa.

No caso do tombamento do conjunto arquitetônico art déco de Goiânia, a ruptura entre o patrimônio institucionalizado e a sociedade é perceptível. O discurso monumental, exterior às vivências da população, contrapõe-se às atitudes relacionais e subjetivas do homem com seu espaço, somente possíveis nas experiências cotidianas. A questão coloca-se na concatenação de ambos os discursos, e não na primazia de um sobre o outro. Se buscarmos a origem da palavra monumento, talvez entendamos o sentido da palavra patrimônio.

O monumento é um sinal do passado, pois deriva da palavra latina monumentum, cuja raiz indo-europeia *men* exprime memória. Memória origina-se do verbo *monere*, que significa fazer recordar, avisar, iluminar, instruir. A instrução vem do pertencimento a algo. Pertença que se conhece a partir do reconhecimento da participação subjetiva na construção da história de um lugar. História da cidade, história do bairro, história da rua. O discurso cotidiano manifesto na história em quadrinhos reverbera as memórias de muitos e compartilha o desejo de pertencer, tornando-se monumental. A monumentalidade advinda da memória.

A narrativa compartilhada nos quadrinhos do “Aeroporto que virou bairro” é ponto de partida para outras memórias e histórias. “Uma rua da cidade” é o próximo capítulo dessa trajetória pelos bairros de Goiânia. A alameda monumental projetada por Correia Lima, que interligava o centro cívico à estação ferroviária, é pontuada de curiosidades que mesclam os desfiles militares e o footing dos namorados aos vendedores ambulantes de pequi e homens-cartazes anunciando a compra de ouro. Percursos no tempo e no espaço que se constituem em narrativas da cidade. Recortes de memórias que se tornam histórias compartilhadas por todos. Seja nos quadrinhos, sites ou livros, o objetivo é tornar a cidade visível como um patrimônio de todos.

NOTAS

1. O estudante integrou-se à equipe da pesquisa com o propósito de conceber e produzir os desenhos da história em quadrinhos, sendo remunerado para tal. Naquele momento, a pesquisa contava com recursos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico e, atualmente, é financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás.

REFERÊNCIAS

- BRESCIANI, M.S.M. Cidades: espaço e memória. In: SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Cultura do Município. Departamento do Patrimônio Histórico. *O direito à memória*. São Paulo: DPH, 1992. p.161-168.
- CAUQUELIN, A. *Essai de philosophie urbaine*. Paris: PUF, 1982.
- CORBOLI, N. Ícone arquitetônico abriga caminho para o desconhecido. *Projeto Design*, n.373, 2011. p.84-89.
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano*: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHOAY, F. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- CUSTÓDIO, L.A.B. Educação patrimonial: experiências. In: BARRETO, E.A. et al. *Patrimônio cultural e educação: artigos e resultados*. Goiânia: Iphan, 2008. p.23-36.

- DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- GONÇALVES, A.R. *Goiânia: uma modernidade possível*. Brasília: Ministério da Integração Regional, 2002.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- HORTA, M.L.P. Educação patrimonial. In: BARRETO, E.A. et al. *Patrimônio cultural e educação: artigos e resultados*. Goiânia: Iphan, 2008. p.15-21.
- HOUAISS, A. *Grande dicionário da língua portuguesa: pertencer*. 2012. Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br/>>. Acesso em: mar. 2012.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. *Educação patrimonial*. 2012. Disponível em: <www.iphan.gov.br>. Acesso em: mar. 2012.
- JEUDY, H.P. *Memórias do social*. São Paulo: Forense Universitária, 1990.
- MANSO, C.F.A. (Org.). *Goiânia art déco: acervo arquitetônico e urbanístico: dossiê de tombamento*. Goiânia: Seplan, 2004.
- MAYOL, P. Morar. In: CERTEAU, M.; GIARD, L; MAYOL, P. *A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 1996, p.37-185.
- SILVA, C.A. *Goiânia(s): representações sociais e identidades*. 2012. Tese (Doutorado) — Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, 2012.
- VELHO, G. *A utopia urbana: um estudo de antropologia social*. 6.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

Recebido em
23/4/2013,
reapresentado em
21/11/2013 e aprovado
em 27/1/2014.

ELANE RIBEIRO PEIXOTO Universidade de Brasília | Faculdade de Arquitetura e Urbanismo | Instituto Central de Ciências | *Campus* Universitário Darcy Ribeiro, Gleba A, Asa Norte, Caixa Postal 04431, 70904-970, Brasília, DF, Brasil | Correspondência para/*Correspondence to*: E.R. PEIXOTO | *E-mail*: <elanerib@hotmail.com>.

ADRIANA MARA VAZ DE OLIVEIRA Universidade Federal de Goiás | Faculdade de Artes Visuais | Curso de Arquitetura e Urbanismo, Goiânia, GO, Brasil.